



# VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est

*Culturas políticas e conflitos sociais*



## *O CORPO FEMININO NO PENSAMENTO CRISTÃO MEDIEVAL*

Laila Lua Pissinati<sup>1</sup>

**Resumo:** O período medieval teve como principal instituição a Igreja Católica que através de seus dogmas e discursos tentou determinar e controlar todos os aspectos da vida no ocidente medieval. Sabe-se que sociedades ocidentais cristãs estavam permeadas pelo discurso antagônico entre carne e espírito. O corpo, os prazeres da carne e tudo relacionado a ele, segundo a teoria da Igreja, eram a fonte de maldição. Acreditando que o pecado entrara no mundo através da mulher e de sua sexualidade, e assim, temendo a carnalidade feminina, a Igreja buscou formas de controlá-la. A partir dos Padres da Igreja, até a filosofia escolástica, no século XIII, iniciou-se uma luta contínua por parte da Igreja para implantar a vitória da alma/espírito sobre o corpo/carne. Um dos desdobramentos dessa ótica do corpo localiza-se no imbricamento entre o corpo feminino e a sexualidade. Esta comunicação tem por objetivo levantar algumas questões relacionadas ao corpo feminino na sua relação com a Cristandade Medieval. A fim de tornar mais claro os saberes a respeito do controle do corpo e da sexualidade delas, buscamos as relações ideárias entre o corpo e Cristandade do período em questão, passando pela dualidade estabelecida entre corpo e espírito, findando, enfim, com o corpo feminino como local de reprodução.

<sup>1</sup> Licenciada em História. Universidade Federal do Espírito Santo. lailalua@outlook.com

## **Corpo e Crisandade: a dualidade carne x espírito.**

Na Antiguidade Tardia, e ao longo de todo o período medieval, em geral, muitos teólogos cristãos pensaram e repensaram os escritos filosóficos antigos para definir os parâmetros comportamentais que regulariam o corpo e a sexualidade na sociedade cristã medieval. Entretanto, é importante esclarecer que o cristianismo sozinho promoveu a desvalorização do corpo e do sexo desde a antiguidade. O estoicismo, escola filosófica grega que possuía uma forte base ascética, é um exemplo importante do crescimento do ascetismo já no mundo pagão (BRUNDAGE, 2001).

Segundo Dulce Oliveira Amarante dos Santos (1996, p. 1), no mundo romano antigo, a criação de certos espaços urbanos de sociabilidade e de cultura, como o teatro e o circo, redundou numa tendência à valorização do corpo humano masculino na vida cotidiana, pois até as doutrinas do estoicismo, que defendiam a proeminência do espírito, concebiam a prática das virtudes por intermédio do corpo. Nessa sociedade, portanto, o corpo humano existia para ser administrado, controlado em suas pulsões e não para ser transformado.

De fato, mudanças paulatinas na relação de homens e mulheres com seus próprios corpos, a partir de novas percepções, ocorreram após a introdução do cristianismo no Império. Paralelamente, observou-se o abandono progressivo daqueles espaços culturais e de sociabilidade citados acima, para que se instaurasse uma nova relação com o corpo, agora com o objetivo de transformá-lo e discipliná-lo (SANTOS, 2001).

Segundo Paul Veyne (1984), não obstante essa tendência "moralizadora" do corpo no Alto Império Romano, coube ao cristianismo propor para essa atitude, uma legitimação baseada ao mesmo tempo na teologia e nas santas escrituras e nos textos dos pais da Igreja. Peter Brown (1990), localizou a elaboração da defesa da renúncia sexual nos primeiros séculos da nova religião – na forma de ascese para os homens e da manutenção da virgindade para as mulheres e da opção de celibato para ambos.

Segundo Le Goff (2006, p. 48), “de algum modo, o terreno já estava bem preparado para que o cristianismo realizasse essa grande reviravolta do corpo contra si mesmo”. A Idade Média dará um impulso muito mais forte a essa depreciação corporal e sexual por meio de seus ideólogos, na sequência de Jerônimo e Agostinho, como Tomás de Aquino, assim como por seus praticantes, os monges, que irão instalar por muito tempo na sociedade o elogio e a prática, globalmente respeitada, da virgindade e da castidade.

O ser humano foi definido pelos teólogos medievais como a associação de um corpo e de uma alma, e essa união revelava uma concepção geral do mundo e da ordem social fundada nessa dialética, por vezes ambígua, do interior e do exterior. Na longa duração medieval e além dela, quando se discutia a relação alma/corpo, pensava-se também nas relações entre o interior e exterior da pessoa humana, de modo que esse corpo se tornava o indicador material da expressão da alma (SANTOS, 2001, p. 2).

A religião cristã institucionalizada introduz uma grande reviravolta no Ocidente: a transformação do pecado original em pecado sexual. A interpretação tradicional do pecado original afirma que Adão e Eva quiseram encontrar na maçã a substância que lhes permitiria adquirir uma parte do saber divino. Já que era mais fácil convencer o bom povo de que a ingestão da maçã decorria da copulação mais que do conhecimento, a oscilação ideológica e interpretativa instalou-se sem grandes dificuldades. Com notável exceção de Abelardo e de seus discípulos, os teólogos e os filósofos reconhecerão que o pecado original é ligado ao pecado sexual, por intermédio da concupiscência. O sistema de controle corporal e sexual instala-se, portanto, a partir do século XII. Uma prática minoritária estende-se à maioria dos homens e das mulheres urbanos da Idade Média. E é a mulher que irá pagar o tributo mais pesado por isso. Por muitos e muitos anos (LE GOFF, 2006, p. 51).

No século XIII, com a instituição do sacramento do matrimônio (segundo o modelo do Evangelho, monogâmico e indissolúvel), instalou-se um discurso eclesiástico normativo de controle das pulsões do corpo na sociedade dos laicos. Nessa

linha de pensamento, as relações sexuais só tinham alguma dignidade para a reprodução da espécie, o resto enquadrava-se no pecado carnal da luxúria. Assim, a Igreja imiscuía-se em questões da esfera do privado na Antiguidade e tornava-as da esfera pública, ou seja, da comunidade cristã por ela dirigida (SANTOS, 2001, p 3).

A partir dos Padres da Igreja, até a filosofia escolástica, no século XIII, iniciou-se uma luta contínua por parte da Igreja para implantar a vitória da alma/espírito sobre o corpo/carne. Às mulheres foram associadas ao corpo e um dos desdobramentos dessa ótica do corpo localiza-se no imbricamento entre o corpo feminino e a sexualidade.

### **O controle do corpo e da sexualidade feminina: o corpo feminino como local de reprodução.**

Santo Isidoro de Sevilha julgou a palavra “feminina” como oriunda da palavra grega *fos*, cujo significado é força que queima, por conta do forte desejo sexual que se atribuía ao sexo feminino (FONSECA, 2009). Acreditava-se que o pecado entrara no mundo por meio da mulher e de sua sexualidade. Isto é, a sociedade medieval via a natureza feminina e tudo relacionado a ela como perverso e pecaminoso. O sexo feminino é considerado algo que devora, de caráter insaciável: os cavaleiros da Idade Média acreditavam estar rodeados de Evas, corrompidas e corruptoras. Vê-se a mulher como um mistério, que detém o poder de manipular o malefício, a poção e o veneno.

A historiografia elaborou uma tríade de representações modelares negativas e positivas que imperou durante o longo período medieval. Em primeiro lugar, retomaram uma imagem corporal feminina negativa já presente no judaísmo, ou seja, aquela da mulher como instrumento do Diabo, cujo o exemplo foi Eva. Depois configuraram sua antítese, uma imagem corporal agora positiva de mulher santa, cuja figura modelar foi a Virgem Maria. A partir do século XII, quando esse dualismo não dava mais conta de abarcar as mulheres, ele transformou-se numa tríade, com a inclusão

de uma terceira figura, a de pecadora arrependida, Maria Madalena (SANTOS, 1997, p. 98).

Eva tornou-se a imagem do corpo sedutor, incontrollável porque escapa ao domínio do espírito, cedendo assim facilmente ao domínio do Demônio, vindo daí sua inferioridade em relação aos homens. Em contraposição a essa imagem de Eva representando a fraqueza feminina, Adão tornou-se a imagem do intelecto e do espírito. Essa dualidade serviu como símbolo para outras dicotomias: fraca/forte, irracional/racional etc (SANTOS, 1997).

O medo da mulher e de sua sexualidade imperou durante a Idade Média. Essa apreensão de que a mulher levaria o homem ao pecado e a fornicção, advinha de uma visão de mulher libidinosa, que está sempre à mercê do comando do corpo, dos desejos, e não do racional, da mente. Estabeleceu-se, dessa forma, uma dicotomia entre o masculino (mente, alma, razão) e o feminino (corpo, desejo, devassidão), o que seria uma disposição dos gêneros na forma como a sociedade também estava estruturada: a dicotomia entre carne e espírito. Graciano<sup>2</sup> (século XII) pautando-se no pensamento de Isidoro de Sevilha produziu a seguinte articulação sobre a superioridade do homem: “A palavra homem (*vir*) não deriva apenas de força (*vi*), mas de uma força especial, a da mente (*virtus animi*). Quanto à mulher (*mulier*), comenta que a palavra veio de amolecimento da mente (*mollites mentis*)” (FONSECA, 2009, p. 27).

Jacques Le Goff, em o Imaginário Medieval, cita uma passagem de Coríntios 1:07 que diz “Digo aos solteiros e as viúvas que é melhor permanecerem no mesmo estado que eu. Mas, se não aguentarem, casem-se, por que mais vale se casar do que abraçar-se. (...) Portanto, quem casa a filha faz bem, mas quem não casa, faz melhor”. Tal passagem revela o caráter pecaminoso do casamento, que deveria ser usado apenas para a procriação. Releva também o valor espiritual que possuíam as virgens, assimiladas aos símbolos de Maria, mãe de Cristo, pois essas não conheciam os desejos da carne e

---

<sup>2</sup> Monge e professor de teologia. Figura chave na construção da legislação canônica.

assim, estavam mais próximas do espírito de Deus, no topo da lista que levava ao Paraíso.

Para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade (DUBY, 1989: 17).

Porém, o pecado não estava apenas no ato sexual, mas no simples desejo, pensamento e na própria natureza sexual feminina. Dessa forma, até mesmo as virgens eram temidas. A Igreja defendia o refúgio em conventos para as mulheres solteiras.

A mulher, em geral, estava sob domínio masculino. Quando solteira, vivia sobre o controle de seu pai, e em sua ausência, de um irmão mais velho, ou do homem mais próximo responsável pela família. Depois de casada era controlada pelo marido. E caso ficasse viúva, era dominada pelo filho mais velho ou então pelo chefe daquela linhagem que agora ela pertencia. O casamento e a maternidade eram um meio de controlar a feminilidade. O matrimônio concedia ao marido o poder sobre o corpo da mulher, segundo a lei do casamento, na qual se acreditava ter sido instituído por Deus. A lei proibia a esposa de negar-se ao marido, para evitar que este se entregasse a fornicção (DUBY, 1992).

O homem não poderia jamais excitar a mulher, não podendo ela sentir nenhum prazer com a relação sexual, pois esse tipo de relação era permitido apenas para a procriação (DUBY, 1989), principalmente, as casadas, por serem submissas, não deveriam sentir esse prazer, pois eram consideradas o próprio diabo caso sentissem. É difícil pensar em como a mulher casada poderia ter uma vida santa, uma vez que ela vivia sobre a prática do ato sexual, já que uma de suas funções era a maternidade. A salvação para ela seria um resgate. Nesse âmbito, a visão que se tinha da mulher é de que ela teria sido feita para procriar, gerar filhos homens, herdeiros de seus maridos. A

boa esposa medieval deveria respeitar os sogros, honrar a mãe de sua nova família, segundo manda as sagradas escrituras, ser uma boa mãe e mulher fiel, e uma dona de casa cuidadosa.

Desde a antiguidade, a mulher é submissa ao homem, caso contrário, eram vistas como prostitutas, pela sociedade, poderiam ser interpretadas como desafiadoras dos princípios morais no contexto social e da Igreja Católica. (SILVA e MEDEIROS, 2013, p. 14 e 15)

A mulher vem geralmente associada ao pecado original e a sexualidade. O discurso masculino sobre a mulher consolida, não apenas a dominação desta pelo(s) homem(s), mas também sua condição de Eva. O controle de seu comportamento e de seu corpo gera a necessidade de construir uma teologia e uma justificativa para controlá-la.

As desigualdades de gêneros são preexistentes ao cristianismo, porém, o discurso da Igreja foi fundamental para a propagação e a conservação dessas disparidades. Todas as lógicas da sociedade medieval eram pautadas e concluídas em cima das histórias bíblicas, e as interpretações que prevaleciam eram as impostas pela Igreja Católica. Uma interpretação sobre a história de Adão e Eva, coloca Eva como um “arrependimento” do Criador e justifica a dominação masculina. O objetivo inicial de Deus era criar um homem, um ser andrógino, assexuado. Em seguida, preferiu criar uma mulher para que fizesse companhia a esse homem. Subtende-se daí que a mulher ocupa um lugar secundário na Criação, sendo assim, está sujeita ao homem, haja visto que sua razão existencial é a de lhe fazer companhia. Adão foi quem deu um nome a Eva, o que significa que ela é uma criação imperfeita, e só se torna perfeitamente acabada assim que Adão lhe concede um nome. Além disso, ato de nomear, confere a ideia de tomada de posse. Contudo, o pensamento de Santo Tomás de Aquino, vai de encontro a essa ideia, pois ele defende que Eva seria igual a Adão, por ter sido criada a partir da costela

dele, e não dos pés para ser inferior e nem mesmo da cabeça para ser superior. Ao criá-la do meio do corpo de Adão, Deus preconizava que ela seria igual a Adão (SILVA e MEDEIROS, 2013, p. 8).

Uma parte da teologia medieval segue o passo de Agostinho, que faz remontar a submissão da mulher antes da Queda. O ser humano é, portanto, cindido: a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino, a parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino. Tomás de Aquino (c. 1224-1274) se afastará em parte do caminho traçado por Agostinho, porém sem fazer com que a mulher entre no caminho da liberdade e da igualdade. Embebido do pensamento de Aristóteles (384-322 a.C.), para quem “a alma é a forma do corpo”, Tomás de Aquino recusa e refuta o argumento dos dois níveis de criação de Agostinho. Alma e corpo, homem e mulher foram criados ao mesmo tempo. Assim, o masculino e o feminino, são, ambos, a sede da alma divina. Entretanto, o homem dá provas de mais acuidade na razão. E sua semente é a única coisa que, durante a copulação, eterniza o gênero humano e recebe a bênção divina (LE GOFF, 2006).

Desde cedo, a educação que era dada às filhas dos nobres girava em torno de servir ao homem. Aprendiam a ler com a finalidade de distrair e entreter os seus maridos guerreiros que descansam; e no âmbito religioso, tinham de zelar pela salvação do marido e da família. De alguma forma, todas as mulheres deveriam dedicar-se a servirem a um marido. Entretanto, a regra era que apenas o filho sucessor deveria se casar e gerar prole, para conservar a integração dos bens daquela família. Os outros filhos nobres, deveriam se dedicar à guerra ou à atividade clerical, sem casar e gerar descendência. Tal regra gerava um problema para as mulheres medievais que condicionavam as suas vidas a encontrar um bom casamento, e se dedicavam para isso. As mulheres que não alcançassem esse objetivo, a Igreja indicava o celibato. Vale lembrar, que pelo modelo criado pelo cristianismo, a virgindade estava no topo do modelo de perfeição feminina (DUBY, 1992).

Em suma, durante a Idade Média, a Igreja Católica determinou os papéis sociais dos gêneros a partir do controle sobre o corpo feminino (TEDESCHI E SILVA, 2011). Havia a ideia, propagada pelo clero, de que a mulher levaria o homem ao pecado e à fornicção, pois ela estaria sempre comandada pelos desejos da carne, e não pelo racional e espiritual. Estabeleceu-se uma dualidade entre o homem (razão e mente) e mulher (corpo e desejo). Essa disposição de gêneros coincide com a forma em que a sociedade estava estruturada, o antagonismo entre carne e espírito. O corpo, os prazeres da carne e tudo relacionado a ele, segundo a teoria da Igreja, era a fonte de maldição.

## REFERÊNCIAS

- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BRUNDAGE, James. *Ley, El Sexo Y La Sociedad Cristiana En La Europa*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2001.
- DUBY, Georges. *A mulher, o amor e o cavaleiro*. In: Amor e sexualidade no ocidente - Edição especial da revista L'Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia das letras, 1989.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de. In: *Notandum* 21. Ano XII - N. 21, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Coleção Nova História. Lisboa: Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. O corpo dos pecados: as representações femininas nos reinos ibéricos. *Textos de História (UnB)*, v. 9, n.1/2, p. 13-30, Brasília, 2001.
- SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. *O Corpo dos pecados: representações e práticas socioculturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*. Tese de doutoramento (USP). São Paulo, 1997.
- SILVA, André Candido; MEDEIROS, Marcia Maria. Sexualidade e a História da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. *Revista Eletrônica História em Reflexão (UFGD)*, v. 7, 2013, p. 1-16.
- TEDESCHI, Losandro Antonio; SILVA, André Candido Da. A sexualidade reprimida: uma análise do feminino na perspectiva de Jacques Le Goff (XII). In: X semana da mulher, 2011, Marília. *X semana da Mulher: educação, gênero e movimentos sociais*. Marília: UNESP, 2011, p. 274-282.
- VEYNE, Paul. Família y amor durante el alto Império Romano. In: Firpo, Arturo (org.). *Amor, família, sexualidade*. Barcelona: Argot, 1984.